

Editorial

No dia primeiro de maio de 1886, vários trabalhadores fizeram um gigantesco protesto na cidade de Chicago nos EUA. Eles reivindicavam por diminuição da jornada de trabalho. Não queriam produzir riquezas para os patrões por mais de oito horas por dia. O lema era bastante coerente e didático. Dividiam as 24 horas do dia em 3 partes: 8 horas para o trabalho; 8 horas para descanso; 8 horas para lazer. Foi uma luta histórica. As forças policiais reprimiram com toda truculência, atirando nos grevistas. Os trabalhadores reagiram e causaram mortes em alguns homens fardados a serviço dos governantes. Resultado: mortos de ambos os lados e os líderes anarquistas condenados à morte por organizarem os protestos e por supostamente terem lançado as bombas nos representantes armados dos governantes políticos e econômicos. A luta revolucionária perdeu seis anarquistas dos mais combativos. Em solidariedade ao que ficou conhecido como “mártires de Chicago”, o movimento internacional dos trabalhadores decidiu que o dia primeiro de maio nunca mais seria esquecido e em nome da classe trabalhadora o declararam como dia de luta do trabalhador.

Hoje, o significado do primeiro de maio foi apagado da História por dois motivos: 1) tentam esconder que é dia de luta e não de festa; 2) poucos sabem do papel dos anarquistas para a recordação da data. Isso porque não interessa aos historiadores oficiais lembrar de algo positivo realizado pelos anarquistas. Agindo assim, tentam apagar a sua importância para o movimento social e realizam o “historicídio”, quando matam da História aquilo que não atende aos seus interesses. Também não interessa a eles uma luta sindical/social/popular forte e autônoma sem o controle de partidos políticos, governantes, capitalistas etc. É papel dessa revista resgatar uma perspectiva libertária, crítica e lutar contra o historicídio executado contra anarquistas, negros, indígenas, mulheres, LGBTQIA+, trabalhadores, em uma palavra: governados.

Esse segundo número especial sobre a conjuntura da pandemia de Covid-19 segue essa perspectiva, em um contexto no qual os números de pessoas contaminadas e mortas só aumenta. O governo brasileiro teima em negar os fatos e os perigos do vírus. Esperamos contribuir hoje para que no futuro os historiadores saibam que tivemos perspectivas críticas nesse momento histórico. Todos os artigos tratarão desses e outros assuntos correlacionados aos efeitos da Covid-19 para nossa conjuntura. Temos o prazer em publicá-lo na semana que marca o dia de luta do trabalhador.

Agradecemos a todos que colaboraram diretamente para que esse trabalho viesse a público. Os autores, os membros do conselho editorial, os pareceristas, e mais

particularmente, Caroline Lima Dias, Cello Latini, Guilherme Santana, Isabella Correia, Juan Magalhaes e Kaio Braúna foram fundamentais.

Por fim, nada mais representativo do que terminar com a letra de um Rap indígena trilingue de Kandu Puri e Kaê Guajajara sobre a pandemia do Novo Coronavírus. O rap é mais que uma verdadeira aula. É um manifesto, lindo e maravilhoso! Desejamos uma boa leitura e este número sirva para inspirações indigenistas, negras, emancipatórias, anticoloniais, antiautoritárias, anarquistas!

Saudações libertárias!

Editor

Não foi só a bala que matou meu povo não
Tanta epidemia amontoou mais de uma nação
Um rio de sangue na água cristalina
Até o contato com suas roupas me assassina

Andando na minha miséria
Na mente lapsos de uma velha floresta
To tipo uma onça rugindo da cela Indígena gritando na favela
Vendo culturas inteiras sumindo
A epidemia vem matando
O maior grupo de risco há mais de 500 anos

Eu tentei, me isolei
E sempre ficam nessa de querer fazer contato
Nume'e kwaw hehe, a'e rupi nuexak kwaw
ima'eahy haw
(Ele não viu ele, por isso não viu sua doença)

Nuvem de doença que contagia
Causando falência múltipla de órgãos
Eu tava na mata vem e me mata numa
Falência múltipla de povos
Vi um parente indo se lavar
Num grande rio de lama tóxica
Prevenir ou se contaminar
Isso é uma guerra biológica
E tu que nunca foi de banho
Tá aprendendo a lavar a mão
Vai, compra tudo de álcool em gel
Olha pra tua poluição

Ah ando ure day gran txori ĩ pa omi xute txaxe
Kapuna prika ĩ ambo nam ah ando heta kran
Ah ando hon upolatxa-ma tigagika tangweta
Ah ando hon upolatxa-ma ĩ ne pa kwandom-na

(eu corri nessa mata para ter um bem viver
tiros para morrer. eu escapei. eu estive escondido igual sombra.
eu estive escondido para não ter doença)

Não foi só a bala que matou meu povo não
Tanta epidemia amontoou mais de uma nação
um rio de sangue na água cristalina
Até o contato com suas roupas me assassina

Como a varíola
Como a gripe
Tantas que o tamui suportou
Ninguém solta a mão de ninguém
Ainda bem que ninguém segurou

Amo teko uzeeng ihewe hekepe
(Alguém está falando comigo no sonho)
Akizezo mae wi nehe
(Não tenha medo das coisas)
Epita me neràpuz pupe
(Fica em casa)

Ah ando hon upolatxa-ma tigagika tangweta
Ah ando hon upolatxa-ma ï ne pa kwandom-na

Letra: Kandu Puri e Kaê Guajajara